



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**LIVROS DIDÁTICOS: UM ESTUDO DOS CONCEITOS DA EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MARCOS ANDRÉ PIZARRO DA LUZ

RIO DE JANEIRO

2014

LIVROS DIDÁTICOS: UM ESTUDO DOS CONCEITOS DA EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARCOS ANDRÉ PIZARRO DA LUZ

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de
Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Junho
2014

LIVROS DIDÁTICOS: UM ESTUDO DOS CONCEITOS DA EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARCOS ANDRÉ PIZARRO DA LUZ

Avaliada por:

Data: ____ / ____ / ____

Maria Elena Viana Souza
Escola de Educação – Departamento de Didática
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

"A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une."

Milton Santos

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que passaram em minha vida e deixaram um pouco de si comigo.

AGRADECIMENTOS

Como numa sinfonia que é composta pelos mais diversos instrumentos e notas musicais, o homem é composto pela sua história e pessoas que o marcaram, sejam negativos ou positivos. Assim começo agradecendo à minha mãe pela força, apoio, mas principalmente, a partir de sua prática, me fazer acreditar numa educação melhor neste país. À minha família que também me apoiou nesse caminho, um apoio imprescindível para seguir em frente. À minha namorada que mostrou o amor necessário para continuar.

Agradeço aos meus amigos de faculdade que sempre me acompanharam na penúria dos incessantes trabalhos acadêmicos como também nas alegrias de uma mesa de bar. Seria uma extensa lista de amigos da universidade para agradecer por isso digo apenas que os que realmente se consideram amigos e estiveram ao meu lado na batalha do dia-a-dia, saibam que este agradecimento é para vocês. Especificando alguns momentos e situações marcantes: jamais me esquecerei das idas ao bar do bigode, das inúmeras viagens de ônibus para casa, dos desesperos dos trabalhos feitos na hora e tantas outras coisas maravilhosas e péssimas que aconteceram nesta universidade.

Amigos de outras universidades pelo qual passei também merecem agradecimentos, afinal me acompanharam como verdadeiros irmãos e irmãs. O mesmo vale para os inúmeros amigos fora da universidade que sempre estiveram em momentos ruins e bons.

Agradeço também ao meu orientador de monografia que me prestou todo auxílio e ajuda que precisava para concluir este trabalho e a faculdade, além é claro de outros professores da Escola de Educação da UNIRIO que me ajudaram no meu caminho acadêmico.

Por fim, agradeço a todos que me marcaram no meu caminho de vida até este momento.

INDICE DE SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação

N-H-E – Natureza, Homem e Economia

PNLD – Programa Nacional de Livros Didáticos

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

ÍNDICE DE FOTOS

Figura 01	_____	26
Figura 02	_____	28
Figura 03	_____	37
Figura 04	_____	38

MARCOS ANDRÉ PIZARRO DA LUZ. **LIVROS DIDÁTICOS: UM ESTUDO DOS CONCEITOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.** Brasil, 2014, 53 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar as diversas problemáticas do ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo como foco os livros didáticos de Geografia neste mesmo segmento da educação básica. A nossa preocupação com este tema surge no momento em que diversas prefeituras no Brasil têm retirado ou diminuído a Geografia do currículo escolar obrigatório para o 1º segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), dessa forma aponto em minha pesquisa a importância de um ensino de qualidade de Geografia desde cedo para a formação de cidadãos. Entendido como um instrumento de auxílio, o livro didático ganha destaque no trabalho, apontando os problemas que ainda se encontram e novidades trazidas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) instituído pelo Ministério da Educação. Dialogamos com alguns autores, como Rubem Alves (2010), Milton Santos (2011), Maria Encarnação Sposito (2006) e entre outros para auxiliar e fundamentar o trabalho. Todos os autores apontam para uma educação para a vida, educação para a cidadania, o real cidadão. Explanando os pontos negativos de nosso sistema de ensino para a não formação de cidadãos críticos, do reprodutivismo vigente em nosso meio e como a Geografia pode ajudar a romper com o modelo vigente. O ensino de geografia desde a sala de aula até o livro didático pode ser um instrumento de conscientização e cidadania dos educandos, construindo assim pessoas aptas a perceberem a opressão e desigualdade na qual estão submetidas.

Palavras-chave: geografia; educação; livro didático; ensino fundamental.

Sumário

Resumo	09
Introdução	11
Justificativa	12
Delimitação	13
Procedimentos e Estruturação da Pesquisa	14
Capítulo 1: Conceitos da Geografia nos Livros Didáticos dos Anos Iniciais	
1.1: O espaço Geográfico	15
1.2: Lugar, o Espaço Vivido	17
1.3: Território	18
1.4: Paisagem	20
1.5: Os Conceitos Básicos da Geografia na Educação	21
Capítulo 2: Programa Nacional de Livros Didáticos: Problemas e Soluções	
2.1: PNLD: Apresentação e Histórico	23
2.2: O PNLD de Geografia: anos iniciais do Ensino Fundamental	24
2.3: A Geografia Enfadonha: Problemáticas do ensino e dos livros didáticos de Geografia	29
Capítulo 3: Coleção de Livros Didáticos de Geografia	
3.1: Apresentação da coleção utilizada na pesquisa: Projeto Buriti Geografia	33
3.2: Análise da coleção de livros didáticos de Geografia para Ensino Fundamental: Projeto Buriti Geografia	34
Considerações Finais	40
Referências Bibliográficas	42
Anexo A	44
Anexo B	48

Introdução

A partir da análise das ciências humanas no material didático dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a pesquisa desenvolve-se indagando se realmente esses livros são um bom apoio para os professores, uma vez que, na maioria, constata-se que a geografia não passa de um mero instrumento de mapeamento de bairros.

A problemática do N-H-E (natureza-homem-economia) é abordada, confrontando essa separação grosseira dos livros didáticos em relação às práticas cotidianas dos professores. Essa fragmentação é comentada por Yves Lacoste em seu livro “A geografia isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra”, explicitando como a Geografia pode se tornar uma ciência enfadonha, caso apresente seus conceitos fragmentados. Uma vez fragmentado o estudo do local onde vivemos torna-se tedioso e incompleto. Ou seja, acaba sendo uma não geografia para o educando.

Isso é muito problemático uma vez que é necessário que os educandos, a partir da Geografia, entendam as problemáticas do lugar onde vivem, partindo do eu para o mundo e justamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental em que a Geografia se apresenta corrompida e fragmentada. Desde o início da escolarização, as crianças precisam entender como se dá a produção do espaço, seja ele urbano ou rural, partindo sempre do meio de convivência para o Brasil e o mundo.

Milton Santos (2011) destaca como a sociedade intervém no espaço de forma ativa, produzindo e reproduzindo o espaço, surgindo assim o entendimento sobre a produção capitalista do espaço. Indagando crianças e jovens os “porquês” da realidade de seu bairro e em seguida de sua cidade, partindo, como dito anteriormente do eu para o mundo.

Lembrando que essa visão do eu para o mundo não pode se dar em fragmentos, é necessário que o professor, assim como livros didáticos apresentem que a produção social do espaço, se dá de diversas formas em diversos lugares do mundo, sendo que alguns vão ser parecidos com o meio de convivência dos educandos e outros não. Entender essas diferenças é necessário em um mundo onde a mais valia e a divisão internacional do trabalho é globalizada. As crianças tem que entender o porquê das diferenças entre lugares, por que alguns lugares são valorizados em relação à outros, por que do termo zona sul na cidade do Rio, entre outras problemáticas.

Comentamos também a defasagem da geografia dos municípios em relação às do Estado e do Brasil. E do pouco número de livros sobre os municípios, que em sua

maioria tratam das ciências sociais dos municípios capitais e mais importantes economicamente e/ou pelo número de habitantes.

É exposta a necessidade das crianças saberem a geografia de seus respectivos municípios, uma vez que o município é parte integrante do território nacional e precisa ser visto dessa forma. Uma união entre o que acontece no bairro e município pode ser o que acontece no Estado, no Brasil e no mundo. E também o que ocorre no município pode ser uma política maior do Estado, ou como vemos atualmente o modelo neoliberal como política maior de todos os estados capitalistas contemporâneos.

Por fim a pesquisa tenta relacionar o livro didático com a prática do professor, pensando sempre neste livro como um material de apoio, evidenciando como uma aula pode se modificar de acordo com o livro escolhido, lembrando sempre que o livro escolhido tende a ser alinhado com o currículo vigente. Mas não necessariamente, apesar do livro e currículo estáticos no modelo N-H-E, a aula é estática, podendo variar de acordo com o professor. Apesar de comentarmos sobre a formação de professores o foco é evidenciar como um livro didático (livro nos moldes N-H-E) pode ser prejudicial para uma boa aula de geografia.

Justificativa

O objetivo é analisar a educação geográfica nos anos iniciais, a partir dos livros didáticos. No 1º segmento (anos iniciais) do ensino fundamental, esta disciplina pode ter uma grande defasagem tanto por parte do material de apoio quanto por parte dos professores. E justamente nesse segmento de ensino que se aprende sobre a Geografia do seu município. É comum ouvir que os professores não saem preparados para ensinar a história e geografia municipais, uma vez que “não há tempo” nas licenciaturas para o estudo do município. Muitas vezes a geografia e história do município parece micro na frente do Brasil e do Estado.

Na formação de professores muitos não têm tempo e nem interesse de participar de cursos sobre geografia e história com foco no contexto municipal. Assim acredito que com um bom material de apoio (livro didático), o professor pode evitar essa defasagem, sendo que a grande problemática é que caso não tenha livro didático para determinado município, como que os professores sem o apoio e sem formação vão passar a história e geografia local? Não o vão, e se for ensinado poderá ser muito

simplista para com a riqueza de conhecimentos do município.

No município do Rio de Janeiro, por ser capital existem diversos livros didáticos (regionais), mas e outros municípios, tais como Duque de Caxias, Niterói, Maricá Cabo Frio e etc. É claro que, por ser capital, é importante que os alunos de outros municípios estudarem a Cidade do Rio de Janeiro, porém é necessário que também estudem a geografia de sua própria cidade, ou seja, de seu meio.

Delimitação

O propósito foi apontar os problemas da educação geográfica enfadonha dos livros didáticos, como essa geografia pode causar uma enorme defasagem no aprendizado caso o professor apenas guie-se pelo livro didático. Analisamos como uma defasagem no conteúdo de geografia nos anos iniciais pode dificultar o entendimento da disciplina no futuro e principalmente prejudicar o entendimento de mundo, uma vez que a geografia não é dada por completo, mas em fragmentos.

Nossa principal preocupação dessa fragmentação é a confusão de ideias que ela pode propiciar, não proporcionando um claro entendimento sobre a problemática que a ciência geográfica estuda. Comentamos como o professorado lida com essa geografia e como deve agir. O livro didático não pode ser à base da aula, mas pode ser um apoio mesmo que possua essa defasagem.

Mas é preciso compreender que com livros que tratem de conjuntos de problemas geográficos, sem a separação grosseira em N-H-E (Natureza-Homem-Economia), a aula pode ser mais produtiva, sempre enfatizando que o livro deve ser um apoio e não a base dessa aula. Apresentamos não somente problemas, mas também propomos soluções para essa Geografia.

Especificamente, o ponto principal deste trabalho é analisar livros didáticos dos anos iniciais do ensino fundamental como foco nas ciências sociais. Comentar os problemas com relação à defasagem de informações e conteúdos fragmentados, da necessidade do entendimento do bairro e município como integrantes do Estado-Nação, assim como apontar a problemática da estruturação em N-H-E e a relação que o professor tem e pode ter em sala de aula com esse modelo de livro didático e Geografia.

Procedimentos e Estruturação da Pesquisa

Foi feita uma pesquisa bibliográfica dos livros mais utilizados pelo Ministério da Educação (MEC), e aprovados pelo PNLD, mais especificamente, o livro utilizado por escolas da Prefeitura de Maricá, região metropolitana do Rio de Janeiro, Projeto Buriti Geografia de 2º ao 5º ano. Buscamos dados de caráter qualitativo dos livros didáticos de Geografia dos anos iniciais do ensino fundamental, em especial no livro em destaque nesta pesquisa, e assim apontando problemas e soluções para as questões do ensino de geografia.

A pesquisa de cunho bibliográfico tem como ponto principal investigar a Geografia dos livros didáticos aprovados pelo PNLD. Inicialmente, partimos para a escolha das coleções e o estudo do PNLD. Também selecionamos diversos autores para ajudarem na pesquisa sobre o problema que trago nesta monografia, dentre estes autores selecionei alguns da Geografia, da Educação e de outras áreas das humanidades.

A pesquisa está estruturada com uma breve introdução do tema e uma justificativa com o porquê de tal pesquisa e expõe também alguns autores que vamos usar no decorrer do trabalho. Em seguida estruturamos o texto monográfico em três capítulos que apresentam a pesquisa detalhadamente. Respectivamente o primeiro capítulo traz as problemáticas da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, tais como a conceitualização de espaço, lugar, território e paisagem. No segundo, a compreensão do papel do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a escolha da coleção trabalhada e no terceiro capítulo, a investigação da coleção Projeto Buriti Geografia, usada por escolas da Prefeitura de Maricá, presente no PNLD e, por fim, as considerações finais.

Capítulo 1: Conceitos da Geografia nos Livros Didáticos dos Anos Iniciais

Espaço, lugar, território e paisagem conceitos chave da Geografia, não são por acaso os mais conhecidos e falados, porém, estes termos sofrem com significados errôneos ou minimizadores do que realmente eles são. Muitos destes significados podem ser encontrados nos livros didáticos que vão para as escolas, desde os mais tradicionais aos mais novos e, estes conceitos, independentemente de errados ou certos são, assimilados e reproduzidos na e pela escola. Daí vem à necessidade de definir a corrente de pensamento e a forma que serão abordados estes conceitos geográficos na educação básica. “No bojo do debate cada conceito possui várias acepções, cada uma calcada em uma específica corrente de pensamento” (CORRÊA, 1995, p.16).

1.1: O Espaço Geográfico

Nem sempre o espaço foi apresentado como um conceito chave da ciência Geográfica. A chamada Geografia tradicional o deixa em segundo plano, tendo maior estudo a paisagem, cujo conceito será abordado mais a frente. Na visão de Ratzel, autor da Geografia tradicional, o espaço é indispensável para o homem, tratando-o como elemento crucial na história da humanidade. Enquanto que na visão de Hartshorne, altamente influenciada por Kant e Newton, o espaço é absoluto e não é empírico, sendo um conjunto de pontos que existem independentes de qualquer coisa e nas palavras do autor: “nenhuma (lei) universal precisa ser considerada se não a lei geral da geografia de que todas as suas áreas são únicas” (HARTSHORNE *apud* CORRÊA, 1995, p.19).

Vemos um conceito em ascensão, porém ainda muito diminuto e pouco desenvolvido. Com a queda da geografia tradicional, a geografia Teorética ou positivista surge com uma nova concepção de espaço, uma concepção burguesa.

Nesta nova geografia, é dada pouca atenção ao estudo da paisagem e o território e lugar não são significativos para o estudo da geografia, ou seja, conceitos muito importantes para a nossa ciência, se não são deixados em um segundo plano, são completamente esquecidos.

Desta forma o espaço ganha destaque e status de conceito-chave da geografia. Sendo visto como homogêneo, a diferenciação espacial é vista como equilíbrio espacial, por exemplo: periferia e grandes centros é natural a existência, como a diferença desses

dois espaços, sendo assim é natural que tenhamos ricos e pobres, encontrando um ponto de equilíbrio espacial nos moldes burgueses. Pode-se observar esta Geografia pode influenciar um pensamento elitista e de aceitação do “status quo” social. Esta Geografia nova esteve e ainda está muito presente em nossa sociedade por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de algumas escolas e livros didáticos que não romperam com esta visão hipócrita do espaço.

Procurando romper com uma geografia que não considerou o espaço algo de vital importância e romper com outra que defende ideais elitistas, a geografia crítica também apresenta o espaço como tema central. É visto como um conjunto da reprodução das relações sociais de produção, criticando, profundamente, as concepções anteriores, seja a de que o espaço é absoluto ou de que é produto da sociedade. Pautada no materialismo histórico e dialético de Marx, este tipo de geografia rompe com o pensamento burguês, dando ênfase em como o espaço pode ser contrastante devido à formação socioeconômica. Nesse caso, o espaço é considerado um fator social e não apenas um reflexo social, sendo assim uma instância da sociedade.

Como o próprio nome já nos diz, esta geografia crítica a sociedade capitalista, sendo o seu principal teórico Milton Santos (2006), que fez estudos significativos sobre os países subdesenvolvidos e sobre a dinâmica periferia X grandes centros.

Nesta geografia o espaço consegue o maior destaque, mas nota-se que a geografia marxista comete um erro parecido com o da teórica, cada um ao seu modo. Tem-se a valorização do espaço, porém conceitos como lugar e território são menos estudados e abordados (apesar de Milton Santos ter estudos de vital importância sobre lugar e território), e, quando isso não ocorre, esses conceitos são ofuscados pela maximização do espaço, isso caracteriza uma perda de conhecimento muito grande para a nossa ciência. Mas, repare bem, não estamos falando que o espaço deveria ser menos estudado, estamos comentando a importância de outros temas e conceitos que só foram ter um maior destaque na geografia cultural.

É preciso destacar que em todas essas concepções de Geografia o lugar vivido não ganha o destaque merecido, o que para as crianças do Ensino Fundamental, a nosso ver é de suma importância, uma vez que vivemos o espaço no lugar.

Por fim, na geografia humana, o espaço perde um pouco de sua importância. O lugar passa a ser o conceito-chave, enquanto que a paisagem, território e região são revalorizados. Entende-se o espaço como o espaço vivido. Tendo esta geografia o entendimento do espaço como meio empírico, seria “um grupo ou povo sobre o espaço

a partir da experiência” (TUAN *apud* CORRÊA, 1995, p.30). As especificidades locais serão extremamente importantes para determinar o espaço vivido, ou seja, o espaço vivido de sociedades industriais difere das sociedades primitivas, assim como o tempo e a distância.

Nos meus estudos dos livros didáticos pude reparar que muitos trazem essas concepções misturadas, causando até mesmo certa confusão nos conceitos. Felizmente, a Geografia teórica esta sendo, aos poucos, ultrapassada, mas o espaço vivido ainda não é o foco central, o conhecimento do bairro ou cidade em que estes jovens estão inseridos ainda é muito superficial, assim o espaço ainda é o tema central destes livros.

1.2: Lugar, o Espaço Vivido

O lugar nada mais é do que o meio para a reprodução da vida, “é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 2007, p.17).

Desta forma, podemos dizer que o lugar é o espaço percebido pelas pessoas, há de se notar que uma metrópole não pode ser considerado um lugar, afinal a metrópole só pode ser vivida parcialmente, sendo que o lugar é vivido por completo, através de nossos sentidos. Nesse caso, podemos citar: uma rua, lojas, praças, bairro e entre outros. Lugares de encontro, no qual as pessoas lhe dão os seus significados, mas ao mesmo tempo o lugar carrega o significado que a sociedade lhe idealiza, e as mesmas pessoas que o significam. Portanto, são significadas pelo meio, se comportando de acordo com as regras impostas pela sociedade a esse tipo de espacialidade.

Mas, o lugar não precisa ser necessariamente um ponto de encontro entre as pessoas. Lugar pode ser também o espaço vazio. Há uma intencionalidade do vazio característico na maior parte dos lugares que representam o poder. Como exemplo: peguemos o caso da Esplanada dos Ministérios em Brasília. O lugar já foi planejado para afastar as pessoas, aqui os passos não são proibidos formalmente como em qualquer outro lugar de poder, mas são proibidos pela morfologia e geografia do lugar.

Dado o que é o lugar, lembremo-nos do momento histórico que estamos da maximização da globalização, processo que liga espaços em redes de fluxo densas. Assim, cada vez mais, a identidade dos lugares é construída no plano mundial. O lugar é a articulação entre as tendências mundiais e as especificidades locais, sendo uma parte integrante de uma totalidade.

Podemos assim afirmar que o lugar sem dúvida nenhuma, deve ser tratado como um conceito-chave de nossa ciência, afinal é nele em que as pessoas vivem, conhecem e se reconhecem, tendo as suas experiências cotidianas nesta parcela do espaço, afinal “o que se revela no lugar não é apenas a historia de um povo, mas o peso da história da humanidade” (CARLOS, 2007, p.19).

Como o lugar, o território só foi ter um bom destaque a partir das geografias crítica e cultural, e novamente a ênfase é na segunda que apresenta o território como uma de suas matrizes de estudo.

1.3: Território

Expondo a relação entre território e poder, “o território é essencialmente um instrumento de exercício de poder: quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como?” (SOUZA, 2001, p.78).

Antes de entrarmos de vez no tema território, falaremos rapidamente do que é o poder: é algo que não precisa ser justificado, porém precisa de legitimidade e esta legitimidade só é alcançada se o grupo que exerce o poder se mantiver unido. Lembremos também da violência que é exercida quando o poder está para escapar das mãos de quem domina, porém um é oposto ao outro, enquanto um domina o outro está ausente.

Voltando a questão do território, antes de tudo devemos acabar com o reducionismo no qual este conceito é constantemente empregado, o território é constantemente assimilado ao território nacional, porém este é um caráter minimizador do que ele representa.

Territórios são construídos e desconstruídos dentro dos mais diversos tempos e espaços. Há territórios que simplesmente só existem em determinadas horas do dia e em determinados lugares. Não estamos falando que está errado assimilar este conceito ao território nacional, porém ele deve ser estudado mais profundamente para alcançarmos a sua complexidade, para assim compreendermos que dentro do território nacional existem outras dúzias de territórios e assim sucessivamente.

Mas o caráter reducionista comumente atribuído ao território deriva lá da geografia tradicional que tinha uma concepção de que o território é ocupado por um grupo social que cria raízes e identidade com este espaço, e que, num dado momento, esta ligação entre população e território seria tão complexa que não poderiam mais se

separarem. Outra forte limitação que a geografia tradicional impôs ao território foi que somente poderia existir um tipo de poder, ou seja, para cada território há uma exclusividade no poder.

Com isso reparamos como e o porquê do território ser constantemente lembrado apenas como território nacional. Sem dúvida, essas questões da geografia clássica, há muito estão ultrapassadas, mas ainda hoje por leigos e até mesmo por geógrafos, o território não é visto em toda a sua complexidade.

Existem territórios dentro de territórios e com isso, surge o conceito de territórios flexíveis. Um bom exemplo desses tipos de territórios são as grandes cidades. Em certos pontos do território da cidade, durante o dia funcionam mercados, lojas e etc mas à noite, este território do comércio vira o território da prostituição. Este também serve como exemplo do território cíclico, de manhã tem um significado e a noite tem outro, nos mostrando como o território não pode ter apenas um poder, ser único, afinal, em questão de horas um mesmo local no espaço urbano muda de significado virando território da prostituição ou do comércio.

Além disso, num mesmo território podemos ter brigas pelo controle, seja do ponto de venda de mercadorias ou do ponto de venda do próprio corpo. Os territórios da prostituição, tráfico e entre outros, tendem a serem instáveis ou móveis, afinal por uma repressão do poder formal, do estado e essas pessoas podem ter que mudar de lugar para conseguirem exercer os seus domínios.

O tráfico é outro bom exemplo de como existem territórios dentro de territórios. Algumas favelas são controladas pelo tráfico, sendo territórios do tráfico e tendo como grande opositor e mantedor, o estado, e isso se torna mais complexo no momento em que existem outras gangues de traficantes rivais controlando outras favelas, o que torna o território dividido.

Souza (2001) aponta uma diferenciação entre território contínuo e descontínuo. Os territórios contínuos, como o próprio nome diz, são aqueles de longa duração com o exemplo o território do estado nação. Os territórios descontínuos são os de pouca duração e não possuem uma delimitação tão nítida, utilizando o exemplo anterior podemos citar o território da prostituição no centro do Rio de Janeiro: de manhã centro econômico e à noite, em determinados pontos, local de prostituição.

Dito da complexidade deste conceito, reparamos que o território está em toda espacialidade social, porém nem toda espacialidade social é um território, afinal as cidades de dinastias e civilizações, antigas que hoje estão extintas, não representam um

território, pois não tem ninguém que exerça o poder nessas cidades. Dessa forma, podemos dizer que essas cidades que outrora foram territórios, não o são mais.

Repare como que um conceito simples que apenas era remetido ao Estado-nação, virou complexo ao ponto de poderem existir territórios dentro do território nacional, que durem apenas alguns minutos. E, ainda para demonstrarmos a complexidade deste conceito, lembremos que existem Estados-nação que não possuem território, existem territórios que não possuem um estado fixo e ainda existem territórios que possuem estados, mas não possuem uma nação.

Este talvez seja o conceito mais complicado para os livros didáticos de todos os segmentos da educação básica. A grande maioria traz a concepção clássica, do território ligado ao país. Mas é necessário expor que os livros seguem as recomendações do MEC que coloca em sua grande maioria os conceitos geográficos e a Geografia de uma forma tradicional. Apesar de muitos livros terem rompido com o clássico podemos ver nitidamente que o território é um dos poucos conceitos que ficaram parados no tempo. A Geografia tradicional ainda o determina na educação básica brasileira.

1.4: Paisagem

A paisagem, conceito chave da Geografia Tradicional, em alguns momentos esquecido, mas possuindo uma grande relevância no estudo da Geografia. Significando a Paisagem, peguemos o conceito das duas vertentes que mais valorizaram este conceito. A Geografia tradicional tem como principal ponto a descrição do espaço ao redor, ou seja, a paisagem não passava do meio natural, um meio natural que servia apenas para a simples descrição.

Na Geografia Cultural, a paisagem ganha um sentido mais amplo, sendo a relação do espaço, ambiente que cerca determinado grupo de seres humanos e as intervenções desses grupos no meio de convívio. Ou seja, a paisagem é utilizada para entender a dinâmica de produção, alimentação, e até mesmo educação de uma sociedade. As formas como os homens utilizam os meios naturais e os impactos na vida e no meio ambiente.

Muitas vezes, as paisagens vão expressar a cultura e os símbolos de uma nação e/ou sociedade, cultura e símbolos não necessariamente dominantes mas, em sua maioria, são. A título de exemplo podemos apontar como paisagem dominante o Cristo Redentor que representa uma marca do Brasil, uma marca dominante. Entretanto, se

fossemos analisar uma área periférica, veríamos uma paisagem de exclusão que demonstra tanto educação, política, cultura e economia brasileira, mostrando uma paisagem que além de tradicionalmente excluída é escondida e ofuscada a todo o momento por paisagens dominantes como o cristo ou arranha-céus e etc.

“Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, p. 108, 1989).

Este conceito é muito importante nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois a partir dele as crianças e jovens podem ver a dinâmica social que os cerca e que caracterizam a sociedade brasileira. Também é interessante que as crianças percebam as diversas culturas e paisagens que compõem o meio social, desde as excluídas até as dominantes, e porque são ou se tornaram excluídas e dominantes.

1.5: Os Conceitos Básicos da Educação Geográfica

Território, lugar, paisagem e espaço são conceitos-chave da Geografia, conceitos que por muito tempo foram estudados separadamente, mas, unidos, representam uma fonte de conhecimento enorme sobre determinadas sociedades em determinados tempo da história.

É no espaço que os homens se estabelecem e se relacionam, criando a própria sociedade, cultura, ideias, ou seja, todos os produtos formados por grupos no âmbito social. Mas, o espaço por si só é pouco para explicarmos a dinâmica entre sociedade e espaço, para cada sociedade que se estabelece pode haver poderes, sejam eles centrais, do Estado, ou marginais, como territórios da prostituição ou do tráfico.

Essa relação entre espaço e território nos mostra como uma sociedade se comporta no seu meio, porém ainda é pouco. Lembremo-nos do conceito de lugar, que é onde realmente as pessoas vivem. Não estamos falando das metrópoles, mas de lugares específicos, como o local comercial de um determinado bairro, praças e ruas. Uma cidade só pode ser vivida por partes, e essas partes são os lugares. Logo cada grupo de pessoas vivenciará a cidade de formas diferentes. Uma pessoa na periferia do Rio de Janeiro vivencia essa cidade diferentemente de uma pessoa que mora em uma zona de classe alta, como a zona sul da cidade por exemplo.

Dessa forma, podemos dizer que o espaço é vivenciado diferente e as relações de poder também, afinal, em uma zona de classe alta, o estado costuma estar mais presente

do que nas periferias, enquanto que a violência tende a se apresentar, constantemente, nas regiões periféricas e menos nas regiões abastadas. Se num lugar o poder do estado é sentido, no outro em que esse poder enfraquece ou se perde, tende a aparecer poderes paralelos, que com o passar do tempo, com o seu fortalecimento, poderão avançar para áreas centrais, mediante que o estado, que tem um poder maior, deixe isso acontecer. É só olharmos a volta para vermos esse fenômeno.

Estes conceitos, muitas vezes trabalhados erroneamente, podem gerar confusão e conseqüentemente o não entendimento da Geografia. O baixo entendimento destes conceitos faz com que crianças e jovens não consigam entender a dinâmica do local em que vivem afinal, as relações de classe e de poder se dão no espaço vivido no dia-a-dia.

Obviamente que não existe um real interesse em nosso estado burguês de promover este tipo de entendimento da realidade, pois gera conseqüentemente muitas perguntas e descontentamentos com o que está ocorrendo com a cidade e a localidade da cidade em que os indivíduos vivem. Mas o pior do que indagações e descontentamento é o entendimento de que tudo que ocorre na cidade, bairro e etc. tem um motivo e um propósito que, na maioria das vezes, é voltado para a reprodução e manutenção do capital.

Capítulo 2: Programa Nacional de Livros Didáticos: Problemas e Soluções

Dentre os diversos desafios que a educação brasileira enfrenta, está a produção e elaboração de livros didáticos. Com os avanços no meio educacional, cível brasileiro e o crescimento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), diversas normas foram criadas para a produção de livros didáticos, não apenas normas técnicas, mas também proibindo a passagem de ideais racistas, discriminatório, ofensivos e entre outros, por meio dos livros didáticos. E também, que não exponham as matérias das disciplinas de formas conteudista e livresca.

Apesar dos avanços, o conteudismo ainda impera, muitas vezes trazendo informações densas aos estudantes e professores, ou simplesmente informações desnecessárias para formação acadêmica e mesmo não sendo a temática, vale a pena citar que estas informações desnecessárias transpassam o PNLD, estando relacionadas com a questão curricular. O que é necessário e desnecessário para a educação pública brasileira? Uma pergunta que afeta diretamente os livros didáticos entregues nas escolas, afinal uma vez que esta pergunta move e faz o currículo educacional brasileiro, o currículo é determinante para as diretrizes, disciplinas e matérias que os livros didáticos venham a possuir.

Mas, nota-se que apesar de o PNLD ainda não ter conseguido eliminar o conteudismo dos livros didáticos, podemos reparar que algumas questões sociais foram inseridas ou retiradas dos livros, tais como o preconceito que é mais trabalhado, a memória negra que é revalorizada, porque não apenas a marca da escravidão é apresentada, mas os costumes e tradições dos povos africanos escravizados no Brasil, pelo menos nos livros didáticos analisados.

Percebe-se uma atenção maior com as minorias e/ou com os oprimidos e excluídos, mas apesar de o Ministério da Educação só admitir nas escolas públicas livros com esse perfil, ainda é muito tímido o avanço, pois existem inúmeros livros que trazem subliminarmente conteúdo racista, principalmente na parte das ciências sociais, tais como a Geografia.

Este capítulo tem como fim apresentar o PNLD, suas soluções, problemas e histórico. Após, trazer o PNLD sobre os livros de Geografia, apontando o que é minimamente necessário que cada livro dos anos iniciais contenha sobre Geografia. E por fim destacar as problemáticas da Geografia que geralmente são passados pelos

livros didáticos, como aponta Lacoste (2002), uma Geografia “chata” e “livresca”.

2.1: PNLD - Apresentação e Histórico

Apesar de sua popularização, a partir do século XXI, o PNLD existe desde a década de 20, mas a avaliação e distribuição dos livros didáticos sempre foram irregulares, tendo pouca abrangência sobre a população. Isso acabou por volta do início do novo século, por isso também a sua popularização.

Atualmente todos os livros da rede pública brasileira são distribuídos por este programa do MEC, exceto São Paulo que possui um programa próprio. A avaliação dos livros também alcançou 100%, ou seja, todo o livro didático no Brasil passa pela aprovação do dito programa. E, para determinado livro ser aprovado, é necessário estar dentro de todas as exigências do PNLD, algumas delas ditas anteriormente, como a recuperação das tradições negras e indígenas e não possuir teor discriminatório e outras diversas especificações. Obviamente, que toda editoria faz seus livros agora desses padrões, afinal um livro que é aprovado é um livro que pode ser vendido.

É preciso também salientar que este tipo de controle sobre os livros didáticos também se reflete num controle maior sobre a educação e sobre o que é dado em sala de aula. Este controle que observamos se acirrar nos atuais governos.

Apresentando alguns dados, de acordo com o MEC, em 2009 foram distribuídos 103 milhões de livros didáticos para 140 mil escolas brasileiras. E, anualmente, estes valores se aproximam e geralmente, também os livros são entregues antes do início do ano letivo, mas como sabemos nem sempre é assim. Além dos livros para a educação básica, o PNLD entrega livros para a educação especial também, inclusive o de Geografia.

2.2: O PNLD de Geografia: Anos Iniciais do Ensino Fundamental

O PNLD de Geografia apresenta-se muito bem escrito, trazendo concepções novas e algumas até mesmo inovadoras para o ensino desta disciplina nos anos iniciais. Entretanto, como ocorre comumente no Brasil, muito do que é escrito não é cumprido. Em nosso caso, as editoras de livros didáticos, cumprem o PNLD de Geografia e este

por sua vez, busca que os livros proporcionem um apoio ao docente no momento da alfabetização geográfica e cartográfica, partindo sempre da vivência do aluno. O documento ainda expõe que a maioria dos livros se utiliza da concepção crítica de Geografia, mas ainda pode-se notar que muitos livros possuem o conteudismo clássico da Geografia teórica.

Apesar dos problemas, o PNLD conseguiu melhorar o nível dos livros didáticos de Geografia. O lugar que, como dito anteriormente, é o espaço vivido pelo discente, tem um grande enfoque, assim com os conflitos existentes no espaço de convivência dos alunos, como a relação periferia X áreas centrais da localidade. Podemos ver também que o trabalho com as questões das minorias está presente, desde a questão racial, homossexual, ou seja, questões sobre o direito à cidade. Quem pode e quem não pode ou quem tem direito e não o tem, de estar e permanecer na cidade ou lugar de vivência dos estudantes.

Ao passo em que muitas minorias ou grupos segregados estão sendo mais bem abordados nestes livros, apontando para aceitação, ainda vemos que esta abordagem é muito pequena. Antigamente, se fôssemos pensar no índio ou negro, vemos a memória de povos indígenas e negros sendo lembrados apenas pela escravidão, ou seja, sendo pouco transmitidos os costumes e dogmas de outros povos que foram constituidores do povo brasileiro atual e somente a história e geografia europeia são válidas.

Mas, hoje, apesar de ainda ser pequena a abordagem, muitos livros didáticos trazem alguns costumes, crenças, ideias desses povos. Povos que estão recuperando, mesmo que lentamente, a sua imagem de direito, uma imagem que aponta o quanto foram e são importantes e ricos (culturalmente falando) para a constituição do Brasil, tanto quanto os colonizadores Europeus. Ou seja, não é apenas um resgate de nossa formação, mas também de nossa identidade Negra Africana e indígena. “No geral, a pluralidade cultural aparece como um tema transversal, contribuindo para a valorização da diversidade como princípio educativo, voltada ao exercício da cidadania e à defesa dos direitos humanos” (PNLD, 2012, p. 16).

Os livros didáticos atuais, que ajudam os professores na construção de uma identidade plural, pregando a aceitação das diferenças e apontando os conflitos existentes nos lugares, no espaço brasileiro e conseqüentemente em nossa sociedade, são sem dúvida, um ponto de vitória no PNLD, desde a sua intensificação no final do século passado. Quem não se lembra da visão estereotipada de mundo, na qual os livros didáticos apenas apresentavam a identidade negra, conjuntamente com a marca da

escravidão, reproduzindo apenas o “status quo” social. Como aponta Sonia Beatriz dos Santos:

a cultura negra só pode ser entendida na relação com as outras culturas existentes em nosso país. E nessa relação não há nenhuma pureza; antes, existe um processo contínuo de troca bilateral, de mudança, de criação e recriação, de significação e ressignificação. Quando a escola desconsidera esses aspectos ela tende a essencializar a cultura negra e, por conseguinte, a submete a um processo de cristalização ou de folclorização (SANTOS, 2007, 155).

A seguir vemos uma imagem muito comum nos livros didáticos até o início dos anos 2000, o negro humilhado no tronco. O problema não era a imagem em si, mas somente isso que era mostrado pelos livros didáticos: á marca da escravidão nos negros

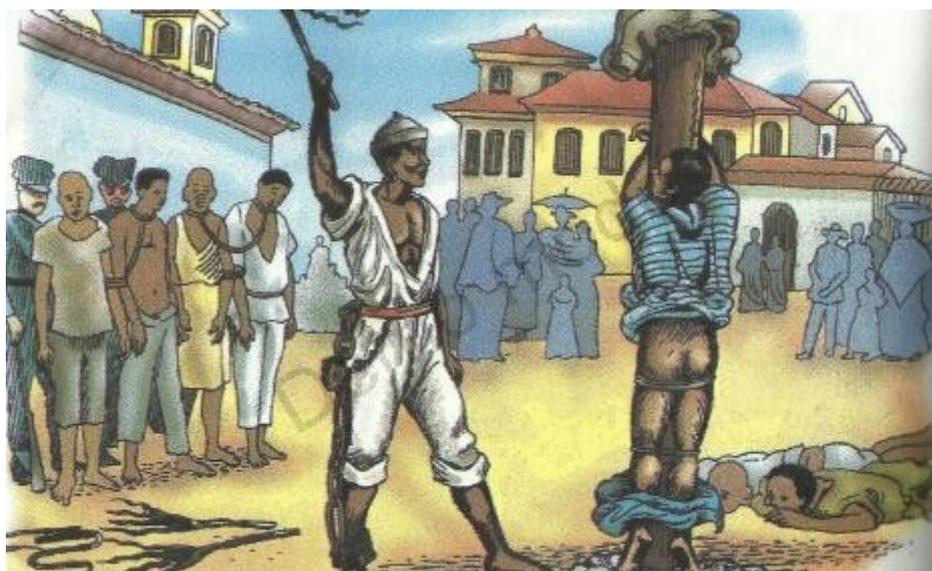


Figura 1: Negro no Tronco, figura comum nos livros didáticos antigos. Apontando para uma memória única sobre a negritude no país, a escravidão, que atualmente aponta a exclusão. (Imagem retirada de um livro didático dos anos 2000, “Coleção Viva a nossa turma”).

Sendo os povos negros africanos um dos formadores da nação brasileira, lhes foi renegado este título. Em busca da brancura europeia, pelos dirigentes brasileiros, as crenças e costumes de povos negros e indígenas passaram por mistificações e fabulações, que até hoje persistem, mas hoje a educação possui um papel fundamental de desmistificar e recompor índios e negros na identidade brasileira. Quando falo educação, aponto para os currículos escolares que estão mais abertos a estas propostas e

o próprio PNLD que aprova muitos livros que possuem tais parâmetros.

Obviamente, encontramos muitos livros que ainda falam muito pouco sobre o direito à cidade, sobre os excluídos do meio urbano e a conscientização sobre a diversidade cultural brasileira, mas, como disse anteriormente, existem avanços, mas ainda são poucos.

Apesar das soluções que o PNLD nos trouxe, hoje temos um grande problema. Conforme um trecho do documento: “...as coleções seguem uma tendência de promover o processo de alfabetização geográfica e cartográfica a partir do que é vivenciado e conhecido pelo aluno no seu cotidiano. O espaço vivido é o ponto de partida” (PNLD, 2012, p. 13).

Como podemos ver, belas palavras, mas, dialeticamente, como o próprio documento aponta em um gráfico, não existem livros que abordem o espaço vivido em todo o território nacional. Poucos livros foram aprovados, sendo a maioria sobre a Geografia da Região Sudeste e Sul e na parte de Livros de Geografia Regional, vemos que a Região norte não possui um livro sequer aprovado pelo PNLD.

E, olhando as coleções, podemos reparar que pouquíssimos ou quase nenhum município brasileiro possui um livro próprio, apenas as grandes capitais. O que é muito ruim, pois, é no município que as crianças vivenciam mais o espaço, ou melhor, ainda em pequenas partes dos municípios, nos lugares.

Não é que o PNLD deva afrouxar na aprovação, mas que o governo seja capaz de produzir livros dentro das normas para todos os estudantes das mais diversas localidades brasileiras. Ou seja, se nem todos possuem livros que possam explorar a história, geografia, costumes e principalmente lugares dos municípios de vivência de inúmeros estudantes, significa dizer que a afirmação anterior retirada do PNLD é falsa: nem todos os estudante brasileiros terão como ponto de partida, nos seus livros didáticos, o lugar em que vivem.

Na figura a seguir extraída do PNLD, vemos que muitas regiões, estados e municípios vão ficar em livros de Geografia Regional aprovados pelo PNLD:

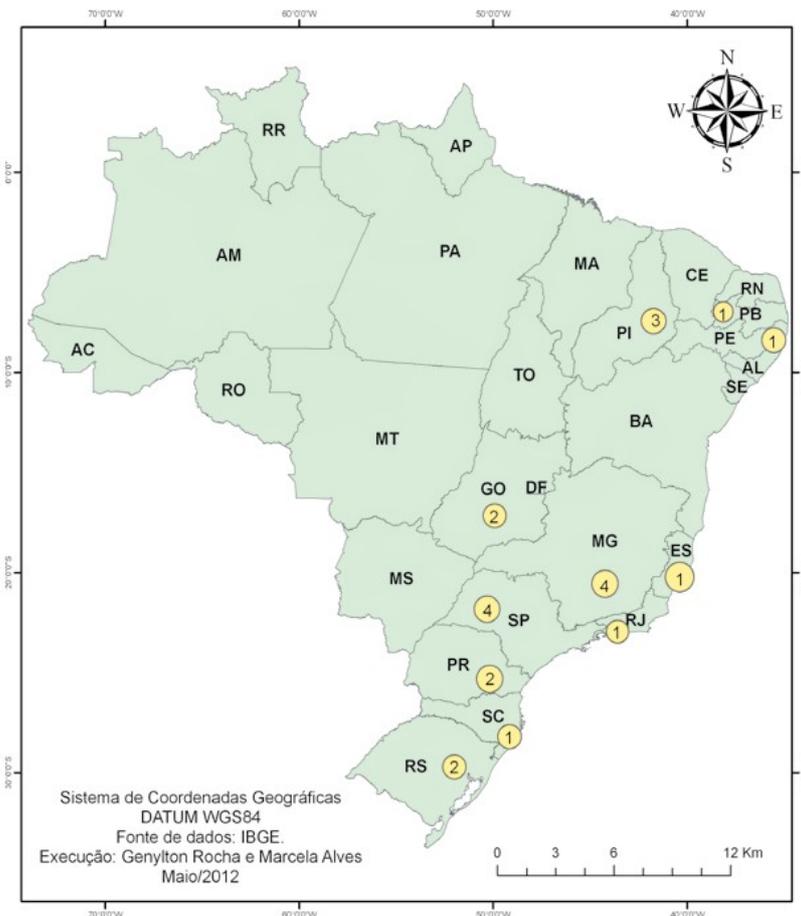


Figura 2: Mapa do Brasil com os livros didáticos de Geografia Regional aprovado pelo PNLD e cada unidade federativa que se destinam.

Vê-se que muitos estados e uma região não possuíram livros de Geografia Regional aprovados. Assim, é necessário para que a Geografia dê-se a partir do espaço vivido, não somente os docentes sejam capazes de falar sobre o lugar em que vivem os estudantes, apontando as mais diversas problemáticas. É preciso que este docente possua um material de apoio, afinal nem todos os professores pertencem ao mesmo lugar de vida das crianças. De que serve para uma criança de Maricá, região metropolitana do Rio de Janeiro, estudar minuciosamente o município e capital do Estado, a cidade do Rio de Janeiro?

Obviamente que sendo a capital e uma das cidades mais importantes do país, esta deve ser uma cidade estudada por todos, mas para partir da Geografia do lugar de vivencia, como aponta o PNLD, este município não serve para os anos iniciais do Ensino Fundamental de uma cidade como Maricá, ou até mesmo Niterói que fica bem próximo da capital. Se a vivencia do estudante não é a capital do Estado, basta que ele saiba algumas informações sobre esta capital. Mas é necessário que a Geografia parta,

tanto em livros como na aula, a partir do município e lugar em que estes discentes vivem. Assim, o PNLD, apesar de possuir avanços, apresenta está falha. Nem todos os estudantes conseguem usufruir de uma Geografia de seu lugar, município, cidade, estado ou região.

2.3: A Geografia Enfadonha: Problemáticas do ensino e dos livros didáticos de Geografia

A problemática da Geografia conteudista nas palavras de (LACOSTE, 2002), é uma Geografia enfadonha. É uma discussão antiga nesta ciência e nota-se que a Geografia de sala de aula é justamente a que mais reproduz estes antigos estigmas da Geografia Clássica. É necessário que a Geografia dos livros didáticos desestrua-se do N-H-E, e da visão fragmentada e parcelar de Geografia. Essa visão fragmentada desestimula o aprendizado de Geografia. E, como já apontamos, mesmo que os livros apresentem esse problema, os professores devem tentar superar isso, mesmo que seja difícil.

Assim, investigamos essa Geografia “chata” e livresca para apontarmos problemas e principalmente soluções para esse problema.

O livro: “Livros didáticos de História e Geografia avaliação e pesquisa”. Em um artigo do livro, duas autoras, Bezerra e Luca, comentam a importância para entendermos como a Geografia é pensada fora da academia e, principalmente, como ela é passada para crianças e jovens. As autoras discutem que mesmo com o incentivo dos professores por uma geografia menos livresca, ela tende a cair para o caminho dos livros didáticos, fragmentada e livresca.

Parte-se do princípio de que o livro didático tem por finalidade auxiliar eficazmente professores e alunos. Daí a necessidade de analisar se a coleção/obra foi concebida e organizada segundo uma metodologia de ensino-aprendizagem que seja adequada às finalidades e às especificidades dos alunos (BEZERRA; LUCA. p. 35, 2006).

É necessário investigar as problemáticas da escola, principalmente por ela ainda não ter se adaptado às mudanças de mundo. A escola ainda prende-se em dogmas de séculos passados. É preciso que a escola e a própria educação engaje-se neste novo mundo, para que seja mais aceita pelos estudantes, não é somente para que os

estudantes gostem mais da escola, mas porque são novos problemas e demandas que a escola possui no século XXI. Além de novas pessoas que compõem tanto secretarias como a própria escola. Novos professores, com novas formas de docência, uma nova administração escolar. “Vários atores sociais passaram a brandir os novos paradigmas que, na contraposição dicotômica entre o novo e o velho, rechaçaram tudo o que aí está orientando, prescritivamente, de maneira clara e direta, o que deveria ser feito para mudar a educação” (MIRAND, p. 131, 2007).

Mas, temos que nos acalmar, pois o novo não significa ser bom. É preciso possuir criticidade para com as novas tendências e avaliar o que é bom e o que é ruim, o que tem uma orientação ideológica de elites e o que realmente promulga mudanças serias. Até que ponto o uso da internet e do computador é importante e a partir de que ponto vira alienação. São coisas que a escola e, por que não, os pais e os próprios alunos precisam ficar atentos.

É interessante comentar sobre a escola, pois é nessa escola a Geografia está inserida e por fim nesse estado, país e mundo. Justamente o estado que deveria propiciar modos para uma educação para a vida, é que incentiva programas que não dão certo e a própria alienação. Mas é preciso compreender que esse estado não é o estado dos homens, mas sim do capital.

E, justamente, as ciências humanas, que instigam a curiosidade e a criticidade são as que menos recebem verbas e incentivos governamentais. Por isso, a necessidade de uma Geografia que abra os horizontes dos educandos, para que assim eles possam discernir o que está acontecendo e, desse modo, serem atores de mudanças no mundo.

Obviamente, que não é essa a Geografia que é incentivada pelo Estado privado (governo), mas sim a Geografia que tanto criticamos até aqui, a Geografia “chata” e livresca. Uma Geografia que não procura a crítica e a leitura de mundo, apenas a interpretação e aceitação, o que para a Geografia é um desastre, uma ciência que está incompleta e pobre. Mas, com esforços de professores, alunos, escolas e outros atores envolvidos, podem mudar esse quadro de pobreza de entendimento de mundo.

Assim, podemos apontar que não é interessante para as pessoas que detém o poder, esclarecer as crianças das dicotomias do espaço. Ou seja, uma Geografia que parta da vivência dos alunos propiciando o entendimento do espaço que os cerca para o espaço, país, nação e etc. não é interessante, pois ela pode fazer surgir uma criticidade no educando, fazendo-o perceber os conflitos internos que existem no seu lugar e, conseqüentemente, na cidade, estado, e no próprio sistema em que vive.

Os conflitos internos entre classes sociais são mais claros no âmbito da cidade, assim como a produção capitalista do espaço é mais bem observado. A título de exemplo, se introduzirmos uma Geografia crítica a partir da vivência de uma criança na cidade do Rio de Janeiro ou até mesmo na Região metropolitana do Estado, veremos uma criança crítica com relação às mudanças que o Rio de Janeiro sofre para a Copa do Mundo e principalmente para as Olimpíadas. Esta criança verá os conflitos que estes eventos estão gerando e aumentando em sua cidade, e terá mais bases para criticar a vinda desses megaeventos e obras.

Assim, uma criança poderá notar como a obra do Porto do Rio de Janeiro muda a sua vida e das pessoas na cidade ou nos arredores, e até mesmo como o Comperj ou Porto de Jacaré, ambos na região metropolitana do Rio de Janeiro, influenciam na dinâmica social do lugar, municípios, estado e do país. Ter essa clareza na educação pública é muito perigoso para um sistema em que é necessário possuir uma pequena parcela de ricos e uma enorme de pobres. Por isso, vemos como as prefeituras do Rio e de São Paulo, cada vez mais suprimem, em suas apostilas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o ensino da Geografia.

A necessidade da Geografia torna-se cada vez mais importante para o entendimento de nossa sociedade e esse entendimento deve ser introduzido desde cedo na educação básica, uma vez que o meio, em que as crianças vivem, está em constante mudança, como aponta Milton Santos:

É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. Fala-se, igualmente, com insistência, na morte do Estado, mas o que estamos vendo é seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com as populações cuja vida se torna mais difícil (SANTOS, 2011, p. 19).

Nesse meio social, consumista e alienador, torna-se importante o uso da educação como fonte de libertação, criando no educando, a criticidade necessária para ser uma pessoa de ação no mundo, para entender o que ocorre no seu meio e na sua sociedade.

Capítulo 3: Coleção de Livro Didático de Geografia

Este capítulo tem como objetivo tratar das coleções de livros didáticos aprovadas pelo PNLD de Geografia para os anos iniciais do Ensino Fundamental. É utilizada uma coleção em especial, Projeto Buriti Geografia, usada por escolas da rede municipal de Maricá. As diversas problemáticas, já apontadas anteriormente neste trabalho, são analisadas, dessa vez, diretamente, na coleção escolhida.

Questões como o Lugar, espaço vivido e uma Geografia para reconhecimento do ser e estar no mundo descobrindo os conflitos nos espaços, nos lugares, sociedades e etc. São investigadas, no geral, das coleções do PNLD e, mais profundamente, na coleção escolhida para análise.

Com o PNLD controlando mais as obras didáticas de Geografia, os livros têm melhorado bastante, trazendo informações para os estudantes sobre os negros e índios acerca de serem povos fundamentais para a formação do Brasil, expondo assim os povos não apenas à marca da escravidão e humilhação. Traz também uma perspectiva crítica de Geografia na qual o espaço vivido ganha um grande enfoque nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, fazendo com que os alunos percebam o espaço a partir do lugar em que vivem.

Perceber o espaço significa muito mais do que simplesmente saber o caminho da escola para casa, mas saber o porquê de determinado lugar estar mudando, o porque certas pessoas vivem na rua, o porquê de existirem favelas, quando existirem na localidade, em suma os porquês do meio em que vivem.

Mas, apesar da melhora substancial, os livros e o programa PNLD ainda deixam muito a desejar, afinal são poucas páginas para a conscientização do espaço que cerca os alunos, persistindo muitos exercícios ainda de alfabetização cartográfica ou conteudista. As questões de gênero a serem tratadas também aparecem muito timidamente. E, ainda, podemos citar o problema de que a maioria dos municípios brasileiros não possuem livros próprios. Já boa parte dos estados possuem, mas, mesmo só estados possuindo livros sobre sua Geografia, de que adianta um estudante do noroeste fluminense estudar a região metropolitana do Rio de Janeiro, uma vez que os livros regionais dão maior enfoque nas áreas mais importantes economicamente do Brasil.

Obviamente um aluno do Estado do Rio de Janeiro precisa estudar sobre a região metropolitana, mas a sua experiência de vida não está nesse local, mas sim na região e mais especificamente no lugar do município em que vive e habita. Assim, podemos

concluir que o estudo do espaço vivido e do lugar, em muitos casos, não pode ser feito, afinal não existem livros suficiente que abordem todos os lugares do Brasil ou minimamente todos os municípios.

Não podemos jogar tudo sobre o PNLD ou livros didáticos. Ainda temos o problema curricular no qual o PNLD se pauta e, por conseguinte, os livros, as aulas e o trabalho docente, muitas vezes, são sufocados pela rigidez curricular e pelos horários. Os livros muitas vezes podem ajudar o docente, mas também pode o atrapalhar, dependendo do conteúdo que ali está. Afinal, se o docente pensa uma coisa e o livro e o currículo dizem outra, temos um problema para as aulas. Assim, muitos professores, por não pensarem como o estado quer que eles pensem, procuram alternativas para suas aulas, utilizando outros tipos de material sem ser os livros didáticos aprovados.

Alguns livros trazem um pensamento próximo a de muitos professores. Como dito antes, muitos tem por base a Geografia crítica, mas alguns não o têm, e como veremos a seguir muitas prefeituras estão produzindo as suas próprias apostilas didáticas para o ensino fundamental. Apostilas que trazem quase nada de Geografia e quando o trazem tendem a ser conteudistas, mais pautadas na Geografia teórica do que na crítica.

Assim, apesar dos avanços, o PNLD, possui diversas falhas e limites. Nos subcapítulos seguintes será feita a análise de uma coleção e livros didáticos, um breve comentário sobre as coleções aprovadas e o que diz o PNLD sobre elas e as problemáticas sobre as apostilas do Município do Rio de Janeiro que apresentam pouco ou nada de Geografia para os anos iniciais.

3.1: Apresentação da coleção utilizada na pesquisa: Projeto Buriti Geografia

A coleção de livros didáticos de Geografia para o 1º segmento do Ensino Fundamental foi o livro adotado, no ano de 2014, pela prefeitura de Maricá e aprovado pelo PNLD de 2013, 2014 e 2015. Projeto Buriti Geografia da Editora Moderna é uma coleção que engloba a Geografia de 2º ao 9º anos, nesta pesquisa o foco foi nos livros de 2º, 3º, 4º e 5º anos, ou seja, o primeiro segmento do Ensino Fundamental. O Projeto Buriti ainda possui um livro misto de Geografia, história e outras disciplinas para 1º ano, mas não é utilizado pela prefeitura referida e como não trabalha somente a ciência geográfica foi optado não trabalhar na análise deste livro. Por isso somente os específicos de Geografia de 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Os livros possuem bastantes desenhos e figuras, com textos tanto interpretativos como conclusivos, apesar das críticas que serão apresentadas a seguir também são expostos os pontos positivos da coleção que é bem interessante de ser estudada.

Os livros que foram analisados já fazem parte da 2ª edição do Projeto Buriti de Geografia. Tive acesso a 1ª edição e pude ver que poucas mudanças foram feitas. A capa mudou um pouco, antes era branca e azul, agora é toda azul. (As capas da coleção estão inclusas no anexo) Algumas figuras e textos foram modificados ou atualizados e a ordem e títulos de alguns capítulos mudaram, mas as duas edições são bem parecidas.

Por fim, podemos ver que a coleção segue o parâmetro atual das editoras, uma obra coletiva sem aparecer o nome de qualquer autor, apenas o editor responsável. Apesar de possuir grandes pontos positivos, a maioria dessas obras costuma se mostrar fragmentada, como poderemos ver a seguir.

3.2: Análise da coleção de livros didáticos de Geografia para Ensino Fundamental: Projeto Buriti Geografia

Iniciando a análise, podemos notar diversos problemas, mas muitos pontos positivos. Começamos pelos pontos positivos. Pode-se notar que os livros trazem muitos mapas e figuras ilustrativas para o professor trabalhar em sala de aula, o que é bom uma vez que para um bom entendimento dos alunos, certos dados, mapas e figuras de locais precisam ser mostradas, já que algumas vezes ou, na maioria das vezes, os alunos dessa cidade não possuem um conhecimento de todo o Brasil, estado e até mesmo município e bairro. Aparentemente, a temática da coleção é diversidade, varias vezes nos livros aparece esse tema, geralmente valorizando tradições indígenas, em poucas páginas, ou falando sobre identidade e como devemos respeitar as diferenças, pois elas enriquecem o Brasil.

Outro ponto que nos lembra muito a Geografia marxista é a apresentação da mutabilidade do tempo. Muitas vezes são colocadas fotos de lugares “hoje e ontem”, ou seja nada é natural, um dia foi diferente. Mas, existe um pequeno, porém, pois a coleção, não somente a coleção, principalmente a prefeitura e o PNLD não possuem um material de apoio para a mutabilidade no local de vivencia das crianças e jovens, ou seja a Geografia do lugar e a partida do lugar para o mundo são comprometidas.

A coleção, por muitas vezes, tenta ainda compensar isso trazendo informações

que os alunos tem que completar, no livro, sobre o lugar que vivem e a escola, mas sem algum material de apoio ou até mesmo cursos especializantes para professores sobre a Geografia municipal e local fazendo com que um dos principais parâmetros do PNLD não seja cumprido. A Geografia do lugar é pouca e fragmentada e o educado não parte de sua vivencia, mas da vivencia de outros locais que, na maioria das vezes, ele não possui.

Obviamente, é importante para alunos de 2º ao 5º ano conhecerem sobre os diversos locais brasileiros mesmo que só por fotos ou filmes, mas inicialmente ocorre uma grande perda, pois o lugar em que eles vivem é pouco estudado, ou seja, não é percebida a dinâmica do local de vida para com o estado, país e por fim o mundo.

Mas, também devemos acrescentar que não é somente culpa da coleção, afinal esta coleção é feita para diversos locais do Brasil, ou seja, um aluno de 3º ano do Interior do Recife pode estudar com o mesmo livro que um aluno do 3º ano da Região metropolitana do Rio de Janeiro. As editoras produzem o livro para vender, e que essa venda seja em escala nacional, afinal fazer um livro para cada estado ou município é muito complicado num país como o Brasil de dimensões continentais. Quanto a cada prefeitura, o PNLD poderia exigir que Geografia e até mesmo a historia municipal, local, deveria exigir que cada local produzisse cursos ou livros sobre estes locais. Livros que poderiam ser utilizados em conjunto com o livro didático geral, até mesmo com parceria com editoras grandes às prefeituras poderiam confeccionar os seus livros próprios.

Nas grandes capitais, geralmente, não temos esse problema com Geografia local, mas não precisamos nem ir para muito longe, pois a maioria dos municípios da Região metropolitana do Rio de Janeiro não tem quaisquer livro ou preparação para professor partir da geografia local, ou partir do entendimento do educando do mundo, do lugar em que ele vive e reside.

Como comentamos, anteriormente, a Geografia do lugar, que para estudantes dos 1º segmento do Ensino Fundamental é muito importante, pois é a partir do lugar que começa a percepção de mundo. É preciso destacar rapidamente sobre as apostilas da Cidade do Rio de Janeiro e de outras capitais que atualmente estão excluindo ou quase que excluindo completamente a Geografia dos anos iniciais do Fundamental. Podemos perceber uma ligação direta com a Prova Brasil, e outros exames externos que ainda não cobram conteúdo das Ciências humanas, ou seja, ocorre a cobrança intensiva nas matérias que são cobradas para melhoria dos resultados dos exames. Não interessa se o

educado aprendeu o negocio agora, independentemente de como, são as notas dos exames.

Na figura a seguir podemos ver a mutabilidade do tempo sendo trabalhada, é interessante que as crianças saibam que as mudanças ocorram e que acontecem em diversos locais, mas é bom que também tenham imagens de seus próprios locais de vivencia, vemos São Paulo na figura abaixo:

ATIVIDADES

Compreender

- 1 Observe novamente as fotos do Recife, na página anterior, e compare a quantidade e o tipo de edificações em 1915 e em 2006.
- 2 Compare as fotos abaixo.

Vale do Anhangabaú, no município de São Paulo, estado de São Paulo, em 1950.

Vale do Anhangabaú, no município de São Paulo, estado de São Paulo, em 2007.

- a) As fotos mostram o mesmo lugar. Como é possível perceber isso?
- b) Que mudanças ocorreram?

Pesquisar

- 3 Como era o seu município antigamente? Como ele é atualmente? Para saber, siga as orientações.
 - a) Procure duas fotos do município onde você mora: uma foto mostrando-o antigamente e uma mostrando-o nos dias de hoje. Cole as fotos no caderno.
 - b) Compare as fotos e escreva um texto contando como eram no passado e como são hoje:
 - as moradias
 - as ruas e os meios de transporte
 - a iluminação
 - o vestuário das pessoas

Figura 3: Foto de São Paulo em diferentes épocas. (Imagem retirada do livro didático Projeto Buriti Geografia 3º ano).

O livro ainda tenta, no exercício, trabalhar com o município, mas caso estudantes e professores não possuam algum material de apoio, este exercício não poderá ser feito.

Voltando para a coleção analisada, notamos que alguns pontos contêm fabulações, ou seja, o real não é dito. São contadas fábulas principalmente no tratamento sobre cidade e campo. Curiosamente, no livro de 2º ano, há uma figura que conta essa fábula do campo tradicional, mas não é dito que este campo é tradicional e que mudou. Mas no livro de 3º ano, aparece uma figura do campo atual, como podemos ver na figura retirada de dois livros:



Figura 4: Duas imagens representando, o campo nos livros didáticos do Projeto Buriti: a da direita representa o campo como fábula e a da esquerda como é atualmente. (Imagem retirada do livro didático Projeto Buriti Geografia 2º ano e 3º ano).

Outro ponto interessante é o trabalho com meio ambiente. A preservação está em alta no livro, não caindo numa simplificação da preservação, mas ocorre um trabalho com lixo e os problemas que podem causar. As transformações causadas pelo homem também tem destaque, uma vez que elas influenciam diretamente no meio-ambiente. A partir das transformações, as crianças podem aprender não somente a consciência ambiental, mas também podem aprender e entender que as coisas mudam. Tudo um dia já foi diferente e o espaço, assim como a sociedade e meio de vida, estão em constante mudança.

Isso desmistifica, novamente, que o espaço e sociedade sempre foram e sempre serão assim como são. Também pode ser colocado um papel importante para as crianças. O papel de ator de mudanças em seu meio, ou seja, eles também são

responsáveis por mudanças, sejam negativas ou positivas. Isso não está explicitado no livro, mas com o material que está impresso é possível que o professor oriente os alunos para tais descobertas ambientais e sociais.

É preciso que professores e até mesmo algum material de apoio, seja o próprio livro ou algo produzido pela prefeitura, tragam informações para se trabalhar sobre o local de vida das crianças, uma vez que impactos ambientais e modificações temporais do espaço vivido são percebidos mais facilmente no local de vida dos alunos. Porém certas perguntas podem ser trabalhadas, facilmente, em sala, sem quaisquer apoio de material, por exemplo: por que o asfalto, alçamento, posto de saúde e etc. só foram feitos agora na região em que as crianças moram?

Respondendo tais questões, as crianças podem refletir sobre o lugar em que vivem, qual posição social vive, predominantemente, naquele local e a atenção que recebe dos governantes.

O trabalho com passagem do tempo também pode ser observado no livro, na forma de mapas, o que é muito importante, pois aos poucos introduz as crianças na leitura cartográfica. Entretanto, na coleção, especificamente no livro do 3º ano, podemos ver um trabalho sobre municípios, mas fica algo geral.

O livro ainda tenta trabalhar o local e vida, mas é necessário que professores tenham conhecimentos sobre o município em questão, para tornar o trabalho aprofundado no tema. Até mesmo problemas ambientais do município precisam ser expostos, como no caso de Maricá, com a questão do porto que será construído na restinga do município. Nota-se que é interessante, neste caso, para o grande capital e governos, a falha educacional na Geografia do lugar, uma vez que suscita diversas questões, que ainda podem evoluir para questionamentos sobre estado, país e o sistema como um todo. Como discursou o célebre educador e sociólogo brasileiro Darcy Ribeiro: “A crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto”.

E por fim, podemos notar que os direitos humanos são muito bem trabalhados pelos livros, especialmente os de 5º ano, mas somente a declaração universal de direitos da criança. Talvez alguns pontos do ECA, Constituição Federal poderiam entrar e não somente para crianças e jovens, mas apresentar quais direitos todos os cidadãos brasileiros possuem.

Como dito, no início a coleção Projeto Buriti Geografia possui diversos problemas, mas ainda assim não é um livro ruim, pois tenta trazer, para os educandos, a temática no geral. Obviamente não podemos colocar toda a culpa dessas falhas no livro,

pois os principais responsáveis são governos e o PNLD que não cobra de tais governos medidas em formas de livros para uma Geografia que parta da vida e do real. Afinal, um livro que é produzido para o Brasil todo não pode conter informações sobre os mais diversos lugares do Brasil, mas dependendo do incentivo, é possível a confecção ou a inclusão de matérias sobre o lugar de vida dos estudantes.

O livro também traz diversos pontos estereotipados, enfadonhos, bem no modelo N-H-E tradicionalista, lembrando assim a Geografia tradicional, mas em determinado aspectos traz críticas, havendo uma confusão de vertentes Geográficas neste livro, assim como podemos perceber na matriz do PNLD.

Concluindo podemos apontar que avançamos muito no quesito dos livros didáticos, mesmo que hoje as maiorias dos livros sejam de obras coletivas sem identificação dos autores, apenas editores. Avançamos tanto no conteúdo, como nas ideias propostas pelos livros, mas ainda há um longo caminho a trilhar na política do PNLD, uma vez que a Geografia, trazida nestes livros, ainda é insuficiente para o aprendizado completo dos estudantes. Mas, é preciso salientar que a Geografia e a educação falhas como apontada anteriormente são um projeto de manutenção do “status quo”, ou seja, o longo caminho que ainda temos não é apenas uma coleção de livros ou uma política como o PNLD, mas é um longo caminho para uma educação melhor, na qual os estudos, das mais diversas áreas, sejam completos. Não tenhamos uma educação dividida por classes sociais e que possamos fazer uma educação pautada na liberdade e igualdade de cada indivíduo.

Considerações Finais

Como foi possível notar ao longo deste trabalho, o caminho para a educação brasileira ainda é longo para termos uma educação realmente libertadora, mas os avanços foram muitos ao longo dos anos. O próprio PNLD foi um grande avanço, pois é uma política de regulamentação dos livros didáticos, diversos problemas foram eliminados dos livros, como o racismo que era comumente presente, antes da política do PNLD nos livros didáticos.

O PNLD também pode ser um grande método de controle do governo sobre os livros, ou seja, o que será trabalhado ou não. Para esse método de controle também temos os currículos escolares que são definidos pelo MEC e secretarias estaduais e municipais. Vale lembrar que o PNLD está submetido ao currículo oficial, assim, o PNLD nunca vai obrigar as editoras colocarem em seus livros temas que o currículo oficial não possua.

Estamos também num panorama péssimo para a Geografia nos anos iniciais. As maiores prefeituras, buscando resultados na Prova Brasil, quase que expurgaram do ensino público a Geografia, História e Ciências, afinal a Prova Brasil ainda só cobra as habilidades em Português e Matemática. Repare que o que interessa são os resultados, como eles serão alcançado, não interessa, assim estamos num panorama educacional na qual a educação em si não conta, o que vale é o bom resultado, bem típico de uma sociedade e educação meritocrática.

Assim, aos poucos, como as tendências são copiadas, pode ser que o ensino de Geografia nos anos iniciais esteja completamente comprometido e, como podemos ver, ao longo do trabalho, a Geografia nestes anos é essencial para o descobrimento do mundo, partindo do local de convivência.

Caminhamos, diretamente, para uma educação cada vez mais para o capital. Se antigamente pensava-se em ter uma população ignorante agora, se pensa em ter uma população ignorante, mas que tenha as habilidades mínimas para o mercado de trabalho, único fim e obra de uma educação do e para o capital. O currículo e o sistema escolar cada vez mais se aproximam do formato “just-in-time” de nossa sociedade, um sistema baseado no imediatismo e na cientificação capitalista.

A escola está presa por um currículo teórico e por horários rigorosos. Sempre há horário certo para determinada tarefa e as matérias vão se sobrepondo umas nas

outras e no final, as crianças acabam por decorar no lugar de aprenderem. Antecipa-se muito, “jogam” inúmeras informações para os pequenos sem eles nem ao menos poderem investigar. Assim, a investigação que é um ponto tremendamente importante na educação se é perdido. Não interessa mais saber sobre o meio, cartografar o mundo ou até mesmo discutir sobre determinada obra no lugar, mas o que interessa são os resultados.

Assim, neste sistema de certificação meritocrático não se é trabalhado, a vida, ou seja, a educação não serve para a liberdade e emancipação mas para o controle e submissão, como no caso dos exames externos. O fato não é possuir uma educação boa pautada na democracia real e libertária, mas uma educação para controle social e manutenção do sistema capitalista. Como aponta o grande educador Célestin Freinet: “a educação não é uma fórmula de escola, mas uma obra de vida” (FREINET, p. 13, 2004).

Neste cenário em que o PNLD, os livros, as crianças e etc estão inclusos, podemos notar que não há o interesse de qualquer órgão governamental, o trabalho com a Geografia do município e lugar. Para uma educação de emancipação e liberdade, é necessário que não somente a Geografia, mas que todas as ciências sejam trabalhadas na escola, mas de forma lúdica, respeitando o tempo de cada um e obviamente, que num sistema como o nosso, isso fica difícil de ocorrer.

Mesmo com a opressão e as dificuldades, muitos professores tentam romper com este sistema perverso de reprodução e mesmo que os livros não tragam todas as informações e que o próprio sistema escolar não ajude, existem diversos trabalhos em muitas escolas voltados para o auto reconhecimento e o para o reconhecimento de ser e estar no mundo contemporâneo, partindo para o entendimento das consequências da interferência de cada ator social no espaço cotidiano para que assim alunos possam perceber que nada é feito por acaso, tudo possui um propósito.

Apesar de pioneiros, acredito que esses movimentos de profissionais da educação serão disseminados, podendo então ocorrer mudanças sérias no sistema escolar e no sistema de vida em que vivemos. A escola e educação que busquem a emancipação social, a democracia real e a liberdade dos indivíduos.

Referências:

ALVES, R. *A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 12ª ed. Campinas: Papyrus Editora, 2010.

ANTUNES, A. R. (Orgs.) *O estado do Rio de Janeiro: os grupos, os espaços, os tempos: conhecimentos históricos, conhecimentos geográficos*; Viva a nossa turma. 7ª ed. Rio de Janeiro: ACCESS, 2000.

ANTUNES, A. R. (Orgs.) *O município de Niterói: os grupos, os espaços, os tempos*. Viva a nossa turma. 3ª ed. Rio de Janeiro: ACCESS, 1997

BERQUE, A. *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural*. 1984.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos: PNLD 2013: Geográfica*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação básica, 2012.

CARLOS, A. F. A. *Definir o lugar*. In: CARLOS, A.F.A. O lugar no/do mundo. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CORRÊA, R. L. *Espaço, um conceito-chave da Geografia*. In: CASTRO, I. et al (org). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.

COSGROVE, D. *A geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens nas Paisagens Humanas*. 1989.

EDITORA MODERNA. MAESTU J. (Org.) OBRA COLETIVA. *Projeto Buriti Geografia 2º ano*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2011.

_____. *Projeto Buriti Geografia 3º ano*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2011.

_____. *Projeto Buriti Geografia 4º ano*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2011.

_____. *Projeto Buriti Geografia 5º ano*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2011.

FREINET, C. *Pedagogia do bom senso*. 7ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

LACOSTE, Y. *A geografia isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*. 7ª ed. Papirus, 2002.

MIRAND, M. G. *O professor pesquisador e sua pretensão de resolver a relação ente teoria e pratica na formação de professores*. In: O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2007.

PEREIRA, C. *Educar para crescer. 103 milhões de livros didáticos*. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/103-milhoes-livros-didaticos-431016.shtml> Acesso em: 15/01/2014.

PORTAL MEC. PNLD. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12391&Itemid=668. Acesso em: 15/01/2014.

SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica, tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

SANTOS, S. B. *Uma reflexão acerca da cultura brasileira*. In: GONÇALVES, M. A. R. Educação, Arte e Literatura Africana de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Quartet: NEAB-UERJ, 2007.

SOUZA, M. J. L. *O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento*. In CASTRO, I. E. De; GOMES, P. C. Da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 77 – 116.

BEZERRA, H. O. ; LUCA, T. R. *Em busca da qualidade PNLD história - 1996-2004*. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). Livros didáticos de Historia e Geografia avaliação e pesquisa. São Paulo: Cultura acadêmica, 2006.

ANEXO A - CAPAS DA COLEÇÃO ANALISADA: PROJETO BURITI 2º AO 5º

ANO



Geografia

2^o
ANO

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:
Juliana Maestu

Componente curricular:
GEOGRAFIA

**MANUAL DO
PROFESSOR**

CÓDIGO DA COLEÇÃO

25397COL05

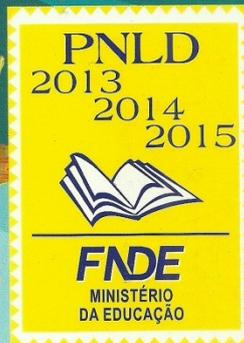
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
EDITORA MODERNA

 **Moderna**



Geografia

3^o
ANO



VENDA PROIBIDA

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:
Juliana Maestu

CÓDIGO DO LIVRO: TIPO:
25397C0521 L

Componente curricular:
GEOGRAFIA

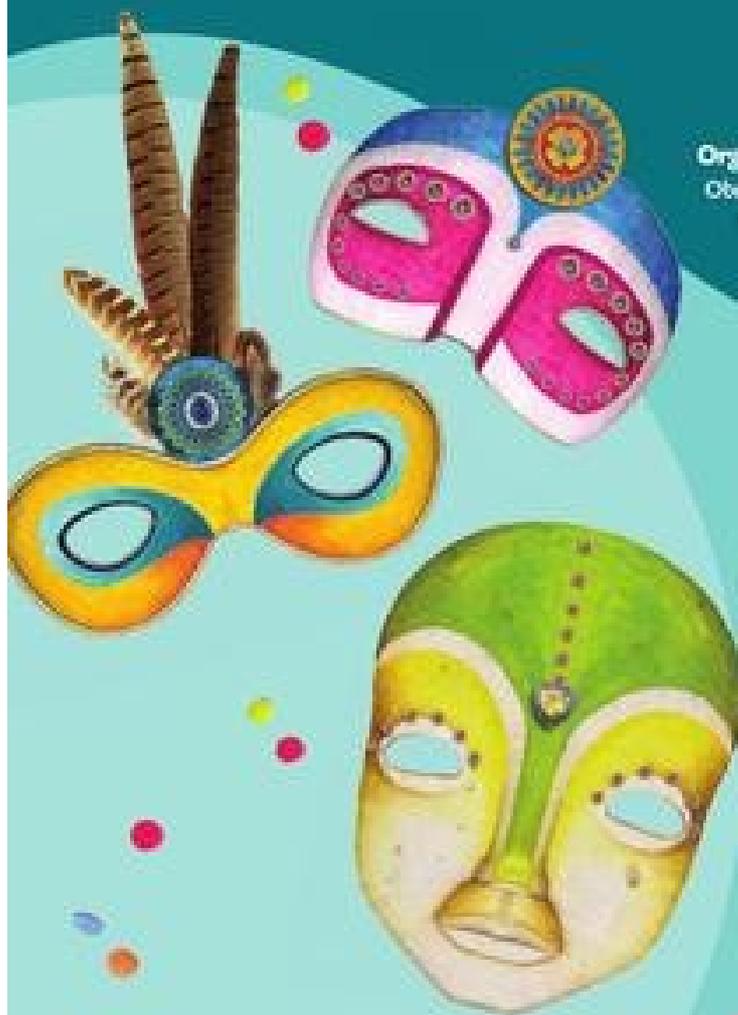


 **Moderna**



Geografia

4^o
ANO



Organizadora: Editora Moderna

Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:

Juliana Maritz

Componente curricular:

GEOGRAFIA

**MANUAL DO
PROFESSOR**

 **Moderna**



Geografia

5^o
ANO

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editora responsável:
Juliana Maestu

Componente curricular:
GEOGRAFIA

**MANUAL DO
PROFESSOR**

CÓDIGO DA COLEÇÃO
25397COL05
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
EDITORIA MODERNA



 **Moderna**

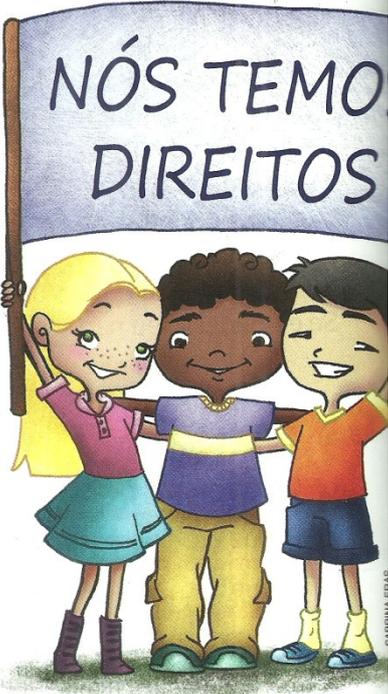
O mundo que queremos

Direitos garantidos

A Declaração Universal dos Direitos da Criança estabelece os direitos que todas as crianças têm e que devem ser respeitados. Conheça dois desses direitos:

- Toda criança tem direito a receber alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequadas.
- Toda criança tem direito a receber educação escolar, que deverá ser gratuita e obrigatória. A educação dada à criança deve favorecer sua cultura geral e lhe permitir – em condições de igualdade de oportunidades – desenvolver suas aptidões e sua individualidade, seu senso de responsabilidade social e moral.

A Declaração Universal dos Direitos da Criança foi proclamada em 20 de novembro de 1959 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, que é uma instituição internacional formada por 192 países.



Compreenda a leitura

- 1 O que significa dizer que essa declaração é universal?
Significa que ela se aplica às crianças do mundo todo.
- 2 O que significa dizer que os direitos das crianças devem ser respeitados?
Espera-se que os alunos expliquem que esses direitos têm de ser cumpridos, têm de ser realizados concretamente pelas pessoas, pelos governos e pela sociedade.
- 3 Explique os direitos das crianças citados no texto.
É importante avaliar o entendimento que os alunos têm do sentido dos dois direitos citados e ajudá-los a compreender o significado de cada um deles.
- 4 Na sua opinião, que outros direitos as crianças têm além dos citados no texto?
Registrar no quadro de giz as respostas dos alunos.
- 5 Será que os direitos das crianças são respeitados em todos os lugares do mundo? Converse com os colegas e o professor sobre isso. Depois, anote as principais ideias no caderno.
Os alunos devem compreender que os direitos das crianças ainda são desrespeitados em muitos lugares do mundo.

22

Anexo B: Leis e direitos sendo apresentado para as crianças. (Imagem retirada do livro didático Projeto Buriti Geografia 5º ano)

A agricultura brasileira é diversificada

A produção agrícola no Brasil

No Brasil, a produção agrícola é bastante diversificada.

Veja, no mapa a seguir, quais são os principais produtos agrícolas do Brasil e onde eles são cultivados.



Fonte: IBGE. *Produção agrícola municipal*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

Anexo B: Mapa da agricultura brasileira, mapa bem detalhado de fácil visualização, em contrapartida neste capítulo nada é dito dos impactos ambientais da agricultura extensiva ou sobre qualquer conflito entre latifundiários, pequenos agricultores e Sem-Terra. (Imagem retirada do livro didático Projeto Buriti Geografia 3º ano).

Para ler e escrever melhor

O texto que você vai ler mostra a divisão regional do Brasil **ao longo do tempo**.

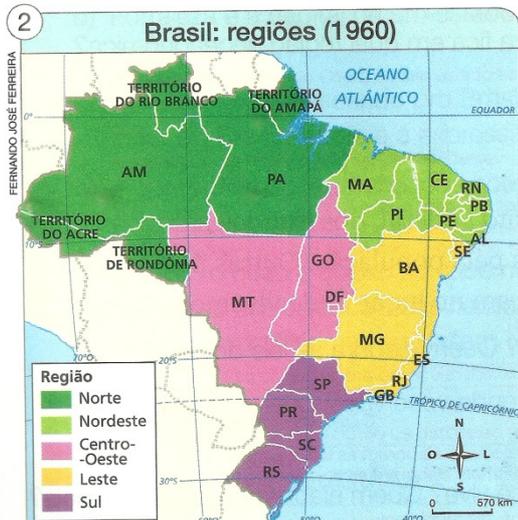
As divisões regionais do Brasil

Ao longo da história, a divisão do território brasileiro em regiões foi feita de várias maneiras.

Em 1940, o Brasil foi dividido em cinco regiões: Norte, Nordeste, Centro, Este (ou Leste) e Sul. Veja o mapa 1.

Mais tarde, em 1960, essas cinco regiões já haviam sido modificadas. O nome de duas delas mudou e todas passaram a abranger uma área diferente. Confirme no mapa 2.

Atualmente, a chamada Região Leste não existe mais. A Região Nordeste foi estendida até a Bahia e foi criada a Região Sudeste, que abrange estados que pertenciam à Região Leste e à Região Sul. Além disso, uma parte do território do Centro-Oeste passou a integrar a Região Norte.



Fonte dos mapas: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

Anexo B: Temporalidade nos mapas geográficos, apesar da noção de tempo e espaço serem poucos trabalhados no lugar, o livro tenta suprir esta falta com o trabalho com escalas maiores, como nacional por exemplo. Também é feito um trabalho no geral com municípios, mas nada especificando determinado lugar. (Imagem retirada do livro didático Projeto Buriti Geografia 5º ano).

Compreenda a leitura

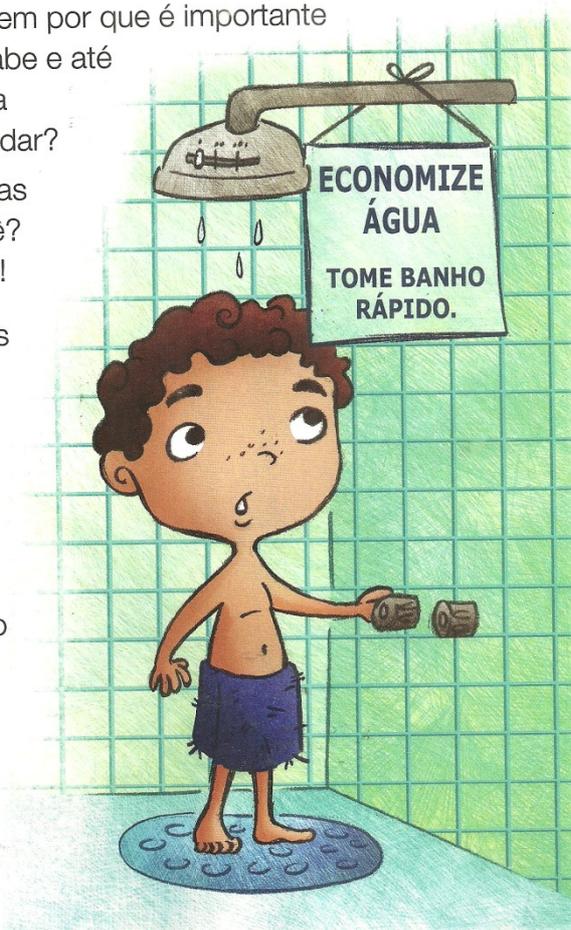
- 1 Quem se beneficia com a economia de água? Por quê?
- 2 Como as pessoas podem contribuir para evitar o desperdício?
- 3 Você já pensou como seria seu dia a dia sem água? Converse com os colegas a respeito e anote sua conclusão no caderno.

Vamos fazer

Nem todas as pessoas sabem por que é importante economizar água. Mas você sabe e até conhece algumas atitudes para colaborar com isso. Vamos ajudar?

Que tal começar alertando as pessoas que moram com você? Siga as etapas e bom trabalho!

1. Reúna-se com seus colegas e pensem em atitudes que podem evitar o desperdício de água em casa.
2. Façam uma lista com as principais atitudes.
3. Escrevam avisos chamando a atenção para cada uma dessas atitudes.
4. Em casa, afixem os avisos nos lugares apropriados: ao lado da pia do banheiro, ou da cozinha, ao lado do chuveiro etc.



Anexo B: Apesar do trabalho com a água no planeta o livro ignora que os principais consumidores de água do planeta são as grandes empresas e o gado bovino, que não tentam economizar água. O livro poderia ter trabalhado a questão política da água, tão importante nos dias de hoje. Algo que o professor deve trabalhar mesmo que não esteja no livro. (Imagem retirada do livro didático Projeto Buriti Geografia 3º ano).

Reciclando o lixo

A reciclagem ajuda a reduzir o lixo

A reciclagem consiste em reaproveitar o material de objetos que iriam para o lixo. Assim, por exemplo, o vidro de uma garrafa usada pode ser reciclado ou reaproveitado na fabricação de novos objetos de vidro.

A reciclagem é uma maneira de diminuir a quantidade de lixo acumulado.



Símbolo da reciclagem.

Coleta seletiva: separar para reciclar

A coleta seletiva de lixo consiste em separar os materiais recicláveis.

Os materiais recicláveis são: papel, vidro, plástico e metal.

Existem lixeiras próprias para depositar cada tipo de material. Elas têm cores diferentes.



Lixeiras para coleta seletiva, na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro. Cada tipo de material reciclável deve ser depositado na lixeira correspondente. A coleta seletiva facilita a reciclagem. Foto de 2010.

Anexo B: Novamente um trabalho pouco explorado, o livro ensina como descartar o lixo e reutiliza-lo mas pouco comenta-se sobre o porque de tanto lixo, partindo para o lado do consumismo. Algo que o professor deve trabalhar mesmo que não esteja no livro. (Imagem retirada do livro didático Projeto Buriti Geografia 2º ano).

Os povos da floresta

● Quem são os povos da floresta

Além de vários povos indígenas, também vivem na floresta amazônica castanheiros, seringueiros e ribeirinhos. Eles constituem as chamadas populações tradicionais, que se autodenominam povos da floresta.

Esses povos têm seu modo de vida adaptado às condições naturais da floresta. Eles têm muitos conhecimentos sobre ela e também sobre a utilização de sua biodiversidade. Eles conhecem, por exemplo, várias plantas que podem ser utilizadas na fabricação de medicamentos e cosméticos.

Os conhecimentos dos povos da floresta são transmitidos de geração a geração.

● Como vivem os povos da floresta

Os povos da floresta cultivam a terra e praticam atividades extrativas como a caça, a pesca e, principalmente, a extração do látex e da castanha-da-amazônia, também conhecida como castanha-do-pará.

A maneira como essas atividades são praticadas por esses povos gera poucos impactos ambientais e contribui para a preservação da biodiversidade da floresta. Afinal, ela é o meio de sustento desses povos.



Indígenas barasanas e tuyucas, Manaus, Amazonas, em 2008. Na Região Norte encontra-se a maior parte da população indígena do Brasil.

Anexo B: Ponto positivo do livro e da política do PNLD, o trabalho com cultura indígena, mesmo que seja ainda possui pouco espaço nos livros e na educação, aos poucos é mais trabalhada. (Imagem retirada do livro didático Projeto Buriti Geografia 5º ano).